

## A resignificação do acontecimento: a corrupção em debate<sup>1</sup>

João DA MATA<sup>2</sup>

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

### RESUMO

Neste ensaio, pretendemos observar como uma mesma emergência pode configurar diferentes acontecimentos, uma vez que os acontecimentos podem ser *ressignificados* a partir do momento em que tal emergência é revestida por diferentes *compreensões narrativas*. Dessa forma, a partir dos comentários dos usuários do Blog do Noblat sobre o escândalo de corrupção envolvendo Demóstenes Torres e Carlos Cachoeira, demonstraremos como um texto por si só é insuficiente para a produção de sentido, uma vez que todo enredo depende de um agente externo que o dê vida: o leitor.

**PALAVRAS-CHAVE:** acontecimento; resignificação; corrupção; blog do Noblat.

### INTRODUÇÃO

Através de um rápido resgate histórico, seria possível notar que o termo corrupção adquire diferentes significados em diferentes períodos históricos, contextos socioeconômicos e tradições políticas. Durante o Império e na Primeira República, por exemplo, o termo só existia enquanto referência aos sistemas vigentes por reproduzirem princípios despóticos e oligárquicos, mas não à seus líderes. Só a partir de 1945 é que a ideia de corrupção passa a ser associada a indivíduos, a medida em que a oposição à Vargas volta-se contra a “falta de moralidade getulista”. Atualmente, como resultado de mudanças nesses parâmetros, o termo pode ser entendido, basicamente, como “transgressão do interesse público”. Contudo, a própria noção de “interesse público” demanda um *ethos* de formação capaz de caracterizá-lo.

A mídia, nesse contexto, detém um papel privilegiado na formação desse *ethos*, a medida em que ocupa uma posição prerrogativa de produção de sentido e de sugestão dos assuntos que pautam as agendas de discussão pública. Além disso, através das notícias que nos conta, a mídia produz um tempo social objetivado que, pela recorrência de sua enunciação, instaura noções que não apenas dizem de um “mundo possível”, mas que procuram

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT de Jornalismo do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Graduando do 5º semestre do Curso de Comunicação Social da UFMG e integrante do “Núcleo de Estudos Tramas Comunicacionais: Narrativa e Experiência”, orientado pelo prof. Bruno Souza Leal. Email: contato@joaodamata.com.br

descrever (logo, prescrever) o funcionamento do mundo das ações. Apesar desse lugar de destaque, contudo, não se pode entender a mídia como “senhora” dos acontecimentos que produz, nem das narrativas que instaura, uma vez que todo enredo depende de um elemento externo que o dê vida efetiva: o leitor.

Nesse sentido, o Blog do Noblat<sup>3</sup> (página integrante da rede de sites assinados pelo jornal O Globo), aparece como um lugar profícuo para nossas investigações a medida em que se configura hoje, enquanto abre espaço para comentários em suas notícias, como lugar de debate sobre corrupção. Nosso objetivo, desse modo, será relacionar alguns elementos da tensão dialógica imanente ao processo de disputa de sentido empreendido por um veículo midiático e seus leitores – ao falarem sobre o fenômeno da corrupção – e ver como o ato de leitura de um acontecimento abre possibilidades de ressignificação, isto é, como *uma mesma emergência no mundo pode configurar diversos acontecimentos quando orientada por diferentes chaves interpretativas*. É importante ressaltar que não pretendemos nos aprofundar em questões referentes à estética da recepção ou à análise de discurso, mas tentar perceber como, nos processos de disputa de sentido, o enunciador é apenas um de seus agentes, não o principal ou o mais poderoso deles.

## **O BLOG DO NOBLAT**

O site assinado e dirigido pelo jornalista pernambucano, Ricardo Noblat, é um portal de notícias marcado, dentre outros fatores, pela reprodução do conteúdo publicado em outros veículos midiáticos – principalmente no site O Globo. Contudo, a presença de leitores ativos, expressa pelo grande número de comentários que o blog recebe diariamente, sugere que o veículo ocupa um papel de destaque enquanto porta-voz da comunidade interpretativa jornalística<sup>4</sup>, o que nos permite, paralelamente, observar as impressões de alguns indivíduos que acompanham essa comunidade.

Levando em consideração essas características, acompanhamos o conteúdo postado pelos colaboradores e leitores do blog durante todo o mês de Abril de 2012, período em que repercutia na mídia o escândalo envolvendo o empresário Carlos Cachoeira e o Deputado

---

<sup>3</sup> Disponível em: <http://oglobo.globo.com/pais/noblat>.

<sup>4</sup> O jornalismo pode ser pensado como uma comunidade interpretativa unida por um discurso partilhado e por suas interpretações coletivas, determinadas por um enquadramento de referência compartilhado. Nessa perspectiva, os veículos “em sua condição de porta-vozes, em sua fala plural, (...) apresentam-se como mediadores institucionalizados da realidade social”, logo, “quando um veículo cita outro (...) ele tanto sugere que ambos compartilham o mesmo espaço simbólico, os mesmos valores e regras, quanto indica que estes estão incorporados em seu cotidiano fazer jornalístico” (LEAL, 2011).

Demóstenes Torres. Dentre as impressões e dados adquiridos, selecionamos as informações publicadas nas quatro terças-feiras do mês estudado (dias 03, 10, 17 e 24/04) e conduzimos, em seguida, a leitura quantitativa das postagens e dos comentários realizados.

Em decorrência dessa primeira análise (relacionada na tabela abaixo) foi possível confirmar, antes de nos aprofundarmos em nossas questões principais, que mesmo estando focado na reprodução do discurso de outros sites – o que poderia nos levar a pensar que a seleção de matérias que faz está predominantemente ligada ao que é produzido nestes –, o blog traz um número médio de matérias por editoria, revelando que se orienta, na verdade, a partir de dinâmicas próprias de organização dos acontecimentos que marcam o cotidiano ao qual se debruça. Também foi possível perceber que o veículo realmente ocupa um papel de destaque na discussão dos acontecimentos que, segundo a mídia, marcam a política nacional, tanto pela predominância de matérias sobre o assunto, quanto pelo alto número de comentários registrados diariamente.

| Número de postagens e comentários (por editoria) |       |          |          |       |                     |              |       |
|--|-------|----------|----------|-------|---------------------|--------------|-------|
|  | Mundo | Política | Economia | Geral | Outros <sup>5</sup> | Frase do dia | TOTAL |
| <b>Dia 03</b>                                    |       |          |          |       |                     |              |       |
| Postagens  | 3     | 19       | 4        | 7     | 8                   | 1            | 42    |
| Comentários                                      | 4     | 267      | 15       | 45    | 48                  | 102          | 481   |
| <b>Dia 10</b>                                    |       |          |          |       |                     |              |       |
| Postagens  | 4     | 20       | 3        | 6     | 5                   | 1            | 39    |
| Comentários                                      | 7     | 478      | 19       | 47    | 38                  | 51           | 640   |
| <b>Dia 17</b>                                    |       |          |          |       |                     |              |       |
| Postagens  | 3     | 20       | 3        | 6     | 5                   | 1            | 38    |
| Comentários                                      | 11    | 440      | 30       | 38    | 27                  | 108          | 654   |
| <b>Dia 24</b>                                    |       |          |          |       |                     |              |       |
| Postagens  | 5     | 21       | 3        | 5     | 9                   | 1            | 44    |
| Comentários                                      | 11    | 237      | 4        | 56    | 30                  | 78           | 416   |

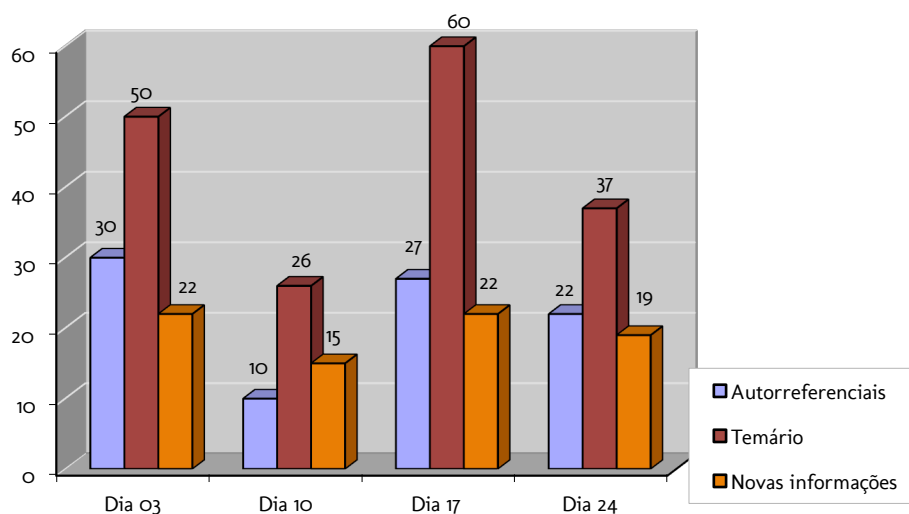
A fim de nos dedicarmos à centralidade do processo de leitura na atribuição de sentido à uma narrativa escolhemos, dentre as editorias relacionadas acima, a “Frase do dia” como eixo de estudo por percebermos nela um bom exemplo das dinâmicas aqui discutidas. Nesse espaço, que está sempre localizado acima de todas as demais postagens do blog, apresenta-

<sup>5</sup> Dentre estes, “Obra-prima do dia”, “Hora do Recreio”, “Poema da noite”, “Humor”, etc.

se um trecho da fala de alguma personalidade pública sobre algum assunto em destaque na mídia. Não se trata, dessa forma, de uma notícia tradicional mas de uma interpretação dada à narrativa jornalística em destaque durante determinada época, logo, os comentários dedicados à tal frase funcionam como tensionamento das chaves interpretativas acionadas pelo veículo ao dar significado à esses acontecimentos.

Como procedimento preliminar, organizamos os enunciados configurados pelos usuários do blog a partir de três categorias: “autorreferencial”, “temário” e “novas informações”. Dessa forma, as falas classificadas a partir de seu caráter predominantemente “**autorreferencial**”, foram aquelas que focavam o próprio blog ou discussões nele instauradas (isto é, outros comentários ou *posts*). Outros usuários se dedicavam à discussão do “**temário**” proposto pelo blog e reafirmado pela frase e, por isso, seus comentários foram agrupados àqueles que abordavam os assuntos referentes aos temas em questão (CPI, Demóstenes, o autor da frase ou os partidos relacionados). Por fim, também nos deparamos com comentários que utilizavam o espaço aberto pelo blog para divulgar “**novas informações**”, isto é, para realizarem intervenções criativas que não tratavam do tema proposto ou do blog em si (falando sobre outros acontecimentos, por exemplo). A revisão dos comentários da “Frase do dia”, a partir de tais operadores, permitiu a constatação de que o blog orientava diretamente apenas 51% dos comentários realizados, uma vez que 26% desses enunciados eram de caráter “autorreferencial”, e que 23% deles trazia “novas informações” ao blog, como mostra o gráfico a seguir.

Número de comentários da "Frase do dia" (por categoria)



Contudo, mesmo sabendo que esses dados já funcionam como um sinal de que o poder da mídia em orientar os debates que inicia não é absoluto e, apesar de já sermos capazes de perceber que estes acontecimentos podem servir como ponto de partida para discussões diversas, tais impressões são insuficientes para evidenciar a centralidade do processo de leitura.

Ao lembrarmos dos estudos de Mouillaud (2002, p.66), por exemplo, faz-se importante lembrar que o “rumor social” também faz parte dos acontecimento. A perspectiva defendida pelo autor, embora se dedique às dinâmicas do jornal impresso, contribui com a ideia de que a mídia deve ser entendida enquanto partidária das informações que reproduz, e não como senhora delas. Dessa forma, uma vez que entendemos que o espaço e o tempo social trazem marcas que definem a natureza e a forma pelas quais os acontecimentos são construídos, percebemos que a relação entre o conteúdo do blog e os comentários de seus leitores faz com que as notícias deixem de ser uma moldura posta sobre a realidade, e passem a produzir um enquadramento cuja expansão a constitui.

Esse “rumor social”, entretanto, não apenas possui um potencial legitimador (ou ressignificador), mas faz com que esses acontecimentos, ao serem postos em debate, se tornem “um conjunto de limites pouco precisos”, logo, que essa realidade também o seja. Contudo, como pretendemos elucidar a seguir, a presença desses limites atenuados não está unicamente ligada ao “rumor social”, mas fundamentalmente às dinâmicas que permitem a atribuição de sentido às emergências que marcam nossa experiência: a construção de um enredo.

## **ACONTECIMENTO E COMPREENSÃO NARRATIVA**

Podemos dizer que nossa experiência no mundo segue fluxo contínuo que, às vezes, é interrompido por algumas emergências que o marcam: *os acontecimentos*. É claro que nem tudo o que acontece à nossa volta nos marca dessa forma. Há uma série de ocorrências que perpassam nosso cotidiano e não são sequer percebidas e que, por isso, não são significadas e se perdem na correnteza da experiência. As outras, por outro lado, provocam uma “explosão de sentidos” que, ao eclodirem, se dispersam em um “pó de detalhes” inapreensíveis em sua totalidade (MOUILLAUD, 2002). Assim, para que possamos entender um acontecimento de alguma forma, precisamos revesti-lo de uma *compreensão*

*narrativa*, isto é, construir um enredo que o dê sentido e o acomode junto à nossas experiências anteriores. O papel da intriga (ou do enredo), nesse sentido, seria o de estabelecer coerência a esse pó de detalhes, uma unidade a essa diversidade, para nós, caótica (ECO apud Mouillaud, 2002).

Desse modo, diferente do que se pensaria inicialmente, falar em narrativa não necessariamente significa falar em um texto escrito, mas de um modo de compreensão, de um gesto humano que possibilite o compartilhamento de experiências. Contudo, esse revestimento narrativo é condicionado pela existência de um arcabouço ético (nossas pré-impressões do mundo) que possibilite a tessitura de um enredo. Além disso, para que esse enredo receba vida, faz-se necessária a adição de um novo processo: a leitura. Quando pensamos nesses processos, devemos considerar que o leitor também possui suas próprias pré-impressões do mundo, logo, que assim como a dimensão configuradora da narrativa está diretamente conectada ao mundo “prefigurado” do narrador, o enredo produzido também está sujeito ao mundo “prefigurado” do leitor e, por isso, esta dimensão é “refigurada” no momento da leitura.

A compreensão, desse modo, surge do encontro entre dois mundos: o mundo do leitor, e o mundo configurado pela intriga. É por esse motivo que não se pode subestimar o arcabouço ético do leitor (principal agente na atribuição de sentido a um acontecimento) e suas pré-impressões sobre o mundo (que também envolvem suas pré-impressões sobre a mídia), e acreditar que estaríamos diante de um sujeito completamente passivo às notícias instauradas. Além disso, uma vez que o sentido de um acontecimento depende da compreensão narrativa a ele dada, a partir do momento em que o leitor a ressignifica, esse acontecimento deixa de ser o que havia sido configurado pelo enredo e se torna algo novo.

### **A “FRASE DO DIA” E A RESSIGNIFICAÇÃO DO ACONTECIMENTO**

Em seu ensaio sobre o atentado de 11 de setembro, Arquembourg (2009) lembra como este acontecimento apareceu na tela de maneira completamente imprevisível, fazendo vacilar as fronteiras entre ficção e realidade. Desse modo, a impossibilidade de se apreender tal acontecimento em sua totalidade fez com que os *media* percebessem “a necessidade de se fechar o abismo ligado à indeterminação dos fatos, de reduzir o sentido do acontecimento a si próprio (...), e de fechar o mais depressa possível os possíveis que ele abria” (p. 114). Além disso, mesmo sabendo que o enquadramento proposto pela mídia e suas regras

possam ser sempre transgredidos, para a autora, a narrativa midiática não deixou de servir de referência para identificar e avaliar as ações em curso. Assim, nos perguntamos novamente: uma vez que, para dar conta de um acontecimento, a mídia precisa reduzir seu sentido, o leitor e suas possibilidades de interpretação se tornam então diretamente limitados à essa abreviação?

A partir das reflexões que acabamos de trazer ao nosso estudo, pode-se afirmar que o leitor não necessariamente tem suas possibilidades interpretativas enclausuradas pela intriga agenciada pelos *media*, afinal, a leitura não é uma simples decodificação, mas o resultado de uma tensão entre o mundo configurado pelo enredo e o arcabouço ético-cultural do leitor. Mantendo essa ideia em mente, seguiremos com a leitura dos comentários postados pelos usuários do Blog do Noblat nas “Frases do dia”, e com a verificação do movimento por eles construído. Na tentativa de tensionar ainda mais esse questionamento, tal relato será baseado predominantemente nos comentários que abordavam o “temário” proposto pelo site. Será por fim, a partir desses dados, que partiremos para a conclusão de nossas investigações.

### 1. Dia 03 de abril de 2012

*“O Demóstenes é uma perda para oposição e para o Congresso. Ele era um excelente senador, um ator importante, muito bom nesse negócio de apontar o dedo, de fazer o discurso da ética.” Sérgio Guerra, presidente do PSDB<sup>6</sup>.*

Na primeira terça-feira do mês de abril, vemos a frase de Sérgio Guerra ser publicada sem qualquer pista do contexto em que foi pronunciada. A fala do Deputado Federal do Estado de Pernambuco, nessas condições, parece estabelecer uma relação entre a capacidade de se proferir discursos sobre ética – ou denunciar políticos publicamente – e as qualidades necessárias a um senador.

Assim, logo quando os primeiros comentários surgem, expressões de revolta e assombro referentes à insinuação de que Demóstenes Torres poderia ser associado à imagem de um “excelente senador” são sequencialmente publicadas. Daí, termos como “criminoso”, “picadeiro”, “*ilulasionismo*”<sup>7</sup> ou o bom e velho “fala sério!” aparecem acompanhados de

<sup>6</sup> Disponível em [http://oglobo.globo.com/servicos/blog/comentarios.asp?cod\\_Post=438754](http://oglobo.globo.com/servicos/blog/comentarios.asp?cod_Post=438754). Acesso em 29 de maio de 2012.

<sup>7</sup> *Ilulasionismo*, neste caso, refere-se à um espécie de fenômeno que provocaria uma distorção de imagem da atual situação do Brasil, fazendo com que esta apareça melhor do que a realidade.

um forte julgamento da conduta ético/moral de Sérgio Guerra, Demóstenes Torres e dos partidos de situação e oposição concomitantemente.

O sentido da frase, aparentemente resolvido, começa a ser problematizado a partir do momento em que *Vital Ferreira* evoca outra chave interpretativa: a de que tratava-se de uma ironia do tipo “quem te viu e quem te vê” (essa inferência já havia sido feita pelo primeiro comentador, mas ignorada). Paralela à discussão dessa possibilidade as críticas ao presidente do PSDB perdem força, sendo agora canalizadas predominantemente à Demóstenes. Contra os argumentos daqueles que mantêm críticas aos partidos de oposição, alguns usuários tecem críticas referentes ao posicionamentos de Lula (enquanto expressão do posicionamento da esquerda em geral) durante o escândalo do mensalão: “eu chamo bandido de bandido, e vocês chamam bandido de companheiro” (*Eunaosabia*, às 10h37).

Comentários que tratam do temário proposto pelo blog, tanto nesta frase, quanto nas demais postagens realizadas no mesmo dia, também perdem força para intervenções de caráter *autorreferencial*. Ou seja, discussões sobre as dinâmicas do próprio blog ou temas *nele* instaurados ganham força em detrimento dos assuntos *por ele* sugeridos – neste dia, o caso Demóstenes predominantemente. As poucas falas que fogem a esse movimento tangenciam a questão do “mau ator” – antes como agente, agora como intérprete – “encarnado” por Demóstenes. Além disso, observações que parecem não acompanhar o movimento instaurado pelo debate, isto é, que continuam a ver Sérgio Guerra como o “sem noção” da história, continuam a ser postados esporadicamente.

Durante todo esse processo, os usuários se mantêm, quase sempre, construindo argumentos que acusam alguém, relembram a conduta alheia, questionam a honestidade de outrem, ou ainda, igualam Demóstenes a Lula – que também “fazia oposição com críticas a tudo e a todos, e apontava seus 9 dedos pra todo lado”. Contudo, a última fala do dia, um curto “É, por fora bela viola...” parece nos lembrar através de sua incompletude que mesmo os 102 comentários registrados durante o dia não poderiam encerrar o sentido da frase de Sérgio Guerra. É como se ela nos lembrasse que não é assim tão simples dizer o que haveria “por dentro” do sentido dado pelo presidente do PSDB – mesmo em um trecho de apenas 181 caracteres – à saída de Demóstenes do DEM.

## 2. Dia 10 de abril de 2012

*“Já foi revelado pela imprensa que existe uma relação no mínimo estranha com dois governadores de estado, o de Goiás [Marconi Perillo] e o do*



*Distrito Federal [Agnelo Queiroz].” Senador Pedro Taques (PDT-MT) , sobre a necessidade da CPI do Cachoeira<sup>8</sup>.*

A frase de Pedro Taques, desta vez acompanhada de uma informação contextual mínima, parece conduzir o leitor por uma linha interpretativa que, ao mesmo tempo, corrobora o temário proposto pelo blog: “a necessidade da CPI do Cachoeira”. Também é interessante notar que, através da fala do senador, o blog também explicita uma visão dos *media* enquanto instituições investigativas de referência.

Ao postarem suas ideias sobre essa possível “relação”, os usuários constroem projeções que (predominantemente) colocam em xeque (1) o futuro da investigação, concluindo que “quando não se quer apurar nada nem punir ninguém, cria-se uma CPI” (*Geraldo Gotardo da Silva*, às 13h23); (2) a verdade sobre os acontecimentos, ao dizerem por exemplo, “vamos ser claros, os governadores estabeleceram uma relação com o crime organizado” (*Lica Cintra*, às 10h51); ou (3) o seu passado e de seus agentes: “Tudo indica que o Gov. de Brasília não caiu nos braços do PT por nada e o Perillo, tem um curriculum bem interessante” (*Benedicto Saturnino da Silva*, às 15h03). Além disso, questões como “os tentáculos do Cachoeira” e suas “cascatas de safadeza”, a diminuição da “fúria com que a PTuléia atacava o Demóstenes” e a articulação de argumentos que procuram corroborar a necessidade da CPI em questão, são recorrentes durante todo o dia.

Completando a onda de debates, temos uma recorrência mínima (mas não menos importante) de postagens *autorreferenciais* e da adição de novos dados à discussão. Estes, produziam diálogos que geralmente não passavam de 2 ou 3 comentários tratando temas como a legalização da exploração do jogo em Goiás. Além disso, percebemos que o temário proposto pelo blog orienta a maioria das falas dos usuários, e que boa parte desses usuários entende que “o petismo está envolvido em qualquer escândalo noticiado na última década”, logo, que o estranho, neste caso, não é a “relação duvidosa” evocada pela frase, mas surpreender-se com ela.

Contudo, o segundo dia escolhido para nossa análise apresentou um baixo número de comentários, aparecendo-nos dessa forma como um possível reflexo do baixo poder que o tema – a possibilidade de uma nova CPI – teria para romper a continuidade da experiência desses usuários, de surpreendê-los, ou de “costurar” alguma nova relação de ideias.

---

<sup>8</sup> Disponível em [http://oglobo.globo.com/servicos/blog/comentarios.asp?cod\\_Post=439680](http://oglobo.globo.com/servicos/blog/comentarios.asp?cod_Post=439680). Acesso em 29 de maio de 2012.

### 3. Dia 17 de abril de 2012

*“Essa CPI não tem paternidade. Todo mundo é contra, acha que vai dar problema, mas apoia a criação porque senão vai ser acusado de omissão.”*

Senador Jorge Viana, (PT-AC)<sup>9</sup>.

A repercussão da frase de Jorge Viana trouxe consigo o reflexo do fortalecimento de uma nova problemática evocada pelos acontecimentos que a antecederam: a criação de uma CPI. Dessa forma, a ideia de que a maior parte dos agentes envolvidos direta ou indiretamente ao caso Cachoeira/Demóstenes não se interessa pela instauração dessa CPI pôde então ser sintetizada pelos usuários a partir da seguinte formulação: “É. A maioria é contra a CPI. Por que será, hein?!?!?!?” (*Jorge Manoel Santos da Silva*, às 9h56).

Apelos do tipo “CPI já!” são recorrentes, mostrando-se muitas vezes ansiosos pelas possíveis repercussões do processo e pela “atuação” da “comissão de ética composta por Jucá, Renan, Collor e Gim Argello”. Contudo, quando Jorge Viana diz que “todo mundo é contra” à CPI de Carlos Cachoeira, a maior parte dos usuários parece entender que “o PT não é mais a favor”. Para alguns internautas, o desaparecimento das “manifestações dos soldopetistas (...) cobrando a instalação da CPI”, o “modelito LULUcorruPTo de desenvolvimento insustentável”, ou a “turma do governo [que] está mais suja que pau de galinheiro” são preocupantes. Para outros, como *Jane Maria Berg Pinheiro Chagas*, o “MST poderia [simplesmente] invadir aquilo, colocar fogo com quem estivesse lá dentro e serrar as portas, a limpeza seria rápida e sem blá, blá”.

Tais conclusões se fazem a partir da tessitura de uma rede causal agenciada pela “imposição dos FATOS que estão vindo a tona todos os dias” através da mídia, como sintetiza *Zé Bebeu*. Essa chave interpretativa contribui para a emergência de intervenções criativas em que os usuários recorrem a outras publicações para sustentar seus argumentos – embora raramente anunciem suas referências. Contudo, é justamente a partir desse movimento que *Nicodaniel*, às 18h, produz uma reviravolta no curso da discussão ao informar (a partir de uma matéria publicada no jornal O Globo) que os partidos da situação, antes acusados de fugir do processo, haviam aprovado a CPI no senado.

Agora, junto ao senador Jorge Viana e à oposição partidária, a imprensa se torna alvo de reclamações, tanto pela fragilidade dos argumentos instaurados inicialmente, quanto pela

---

<sup>9</sup> Disponível em [http://oglobo.globo.com/servicos/blog/comentarios.asp?cod\\_Post=440688](http://oglobo.globo.com/servicos/blog/comentarios.asp?cod_Post=440688). Acesso em 29 de maio de 2012.

imparcialidade sugerida pela nova realidade percebida pelos usuários. Para eles, “essa imprensa partido é mesmo hilária. Com a internet não há um dia em que não quebrem a cara” (*Cadmo Gomes*, às 21h20). Concomitantemente, alguns usuários procuram trazer outras informações que enfraqueçam o julgamento ético/moral articulado contra a oposição (em geral, o número de deputados desta linha partidária que, logo em seguida, aprovam a CPI), chegando a pedir “uma caixa de lexotan para os petas” na tentativa de ridicularizar suas afirmações.

Mantendo esse percurso, a discussão chega ao fim, diferentemente das demais terças-feiras estudadas, às 23h no mesmo dia (isto é, bem mais cedo que o usual) contabilizando 108 comentários.

#### 4. Dia 24 de abril de 2012

*“Não pode ser uma CPI contra o governo. Tem de ser contra o crime organizado. Temos a oportunidade de chegar ao fundo do poço, aos corruptos e aos corruptores.”* Senador Jarbas Vasconcelos (PMDB-PE)<sup>10</sup>.

A fala de Jarbas Vasconcelos estabelece claramente uma distinção entre “governo” e “crime organizado”, elucidando a possibilidade de se desarticular através da CPI, mais que um ou outro ator político, uma completa rede de corrupção. Percebe-se ainda que a proposição, embora carente de qualquer informação contextual, segue o mesmo temário instaurado pelas outras três frases analisadas.

Se para os usuários, entretanto, a possibilidade de se atingir algum “fundo” de qualquer “poço” que seja não faz parte de suas expectativas em relação à CPI – que “comandada por Lulla II, só pode ser limitada à desonestidade”, ou que fatalmente “dará em uma monumental pizza” – a distinção entre “governo” e “crime organizado” parece ainda mais ilógica. Dessa forma, a proposição é refutada, muitas vezes, em tom de revolta ou ironia: “Jarbas Vasconcelos? Putz! Logo cedo resolveram postar piadas?” Afinal, “se for contra o crime organizado [a CPI] tem que ser contra o CONGRESSO NACIONAL” (*Reginaldo Reple Sobrinho*, às 17h56). Há ainda aqueles que preferem usar um tom mais didático, mas com o mesmo intuito de rejeitar uma possível desvinculação entre Estado e facções criminosas em geral. “Senador, mas o governo é dos corruptos, vai a reboque...” (*Eduardo Casares da Silva*, às 5h29).

---

<sup>10</sup> Disponível em [http://oglobo.globo.com/servicos/blog/comentarios.asp?cod\\_Post=441732](http://oglobo.globo.com/servicos/blog/comentarios.asp?cod_Post=441732). Acesso em 29 de maio de 2012.

Uma vez que as expectativas dos usuários em relação à CPI do Cachoeira admitem um sentido praticamente antagônico ao proposto *a priori*, vemos que uma grande parte desses internautas acredita na irrelevância do escândalo iniciado pelas ligações de Carlos Cachoeira para a carreira política dos envolvidos. Afinal, para alguns deles, se “Demóstenes se candidatar novamente [por exemplo,] será eleito”. Além disso, o “atual governo tem a maioria da aprovação do povão completamente alienado”, logo, pouca coisa mudaria efetivamente. Também notamos que a revolta provocada pelo caso Demóstenes é frequentemente relacionado ao PT, que “antes de conquistar o poder pregava a moralização e acabar com os picaretas na política”.

Esse movimento, entretanto, não produz uma regra. Em alguns momentos vemos usuários que acreditam que “muita gente dos governos Lula e Dilma [vai] dançar”. Afinal, para alguns não há dúvida de que a corrupção do aparelho público nacional alcança hoje “níveis inimagináveis”, atingido incontáveis esferas do governo. Outros aproveitam o espaço para dizer o quanto o PT é um “Partido Fascista interessado na destruição dos adversários”, ou falar sobre as privatizações realizadas pelo PT, o envolvimento de Aécio Neves no caso, ou até mesmo da Veja que, “quem diria, agora publica matérias de capa sobre o Santo Sudário e a ‘evolução tecnofísica’”. Além disso, até mesmo pessoas que afirmam que “O senador Jarbas Vasconcelos é um dos raríssimos desta CPI que a gente pode confiar!” (*Lucio Lopes*, às 0h34 do dia 25) fazem suas contribuições para a discussão.

Assim o último dia de nossa análise se destaca pela tessitura de uma espécie de diálogo prolixo, provavelmente decorrente do enfraquecimento do acontecimento evocado pelo temário proposto. Como os próprios usuários afirmam, já era “hora de trocar a frase, [pois] 1:30 entre um comentário e outro é sinal que o assunto esgotou!” (*Übermensch*, às 16h47).

## CONCLUSÕES E QUESTIONAMENTOS

A forma como as pessoas encaram a corrupção pode variar mas, uma vez que pensamos a mídia como uma instituição que ocupa um local privilegiado na produção de sentido sobre o mundo contemporâneo, faz-se necessário entender sua importância, sua influência e seus limites na formação de um *ethos* capaz de definir um fenômeno dessa dimensão. Entretanto, ao percebermos que a experiência só pode ser compreendida quando tolhida, quando agenciada em uma intriga, entendemos que a redução de sentido apontada por Arquembourg (2009) é comum a todo gesto interpretativo – embora também seja impossível desconsiderar o fato de que os *media* não são agentes desinteressados.

Como sabemos, os *media* se caracterizam por serem agentes envolvidos diretamente (e em posição de destaque) na prática de noticiar o cotidiano, isto é, de revesti-lo de um modo de compreensão compartilhável: a narrativa. Esta, como também sabemos, nunca é neutra. Afinal, está sujeita à um arcabouço ético-cultural, de pré-impressões sobre o mundo que são, inclusive, requisito para sua configuração em um enredo. Além disso, sua compreensão nunca se dá por conta própria pois depende da leitura para ganhar vida efetiva, ou seja, também está fundamentalmente conectada à uma visão de mundo que a sucede: a do leitor.

Nesse sentido, a leitura nunca é uma simples decodificação, afinal, o sentido da narrativa surge de um encontro entre o universo instaurado pelo enredo e pelo o universo de quem o lê e, a partir do momento em que não coincidem, produzem uma nova experiência a cada vez que este encontro ocorre. Sob esse prisma, estaríamos diante de um ator social que regula ou legitima certos temas e deslegitima outros em diferentes graus, mas que não faz isso sozinho, e sim em conjunto com outros agentes.

No caso do Blog do Noblat, nota-se a forte presença de temas de matriz liberal<sup>11</sup> que, dessa forma, não contribuem para a reestruturação das políticas sociais universais, dos direitos do trabalho, da expansão da identidade feminina e dos direitos afirmativos dos negros e de diversidade sexual – características de uma “cultura cidadã” que, por reduzir os efeitos das estruturas de opressão, habilita os indivíduos a repensarem esferas comuns da sociedade, como a política. Ao invés disso, alenta fenômenos de desencanto, anomia e apatia em relação à participação cidadã, o que explica, por exemplo, o foco dado pelos usuários do blog aos problemas do poder público (quase como se não houvessem instâncias corruptoras externas ao Estado) através de sugestões como “colocar fogo no congresso” enquanto solução ao problema da corrupção.

Pelas razões já explicitadas neste trabalho, acredita-se que essa imagem não é exclusiva à visão dos responsáveis pelo blog, mas um reflexo (mesmo que parcial) dos próprios leitores. Entretanto, em que medida é mesmo possível isentar um veículo midiático da responsabilidade da repercussão dos acontecimentos que noticia? Afinal, embora não detenha o poder de impor significados, o jornalismo não deixa de ser um agente

---

<sup>11</sup> A tradição liberal concebe uma distinção opositiva entre a sociedade civil, em seu caráter potencialmente virtuoso, e o Estado, enquanto uma entidade potencialmente corrupta cuja influência na sociedade é diretamente proporcional à diminuição da liberdade civil, isto é, cujo tamanho regula (ou melhor, constrange) *autonomia* do cidadão. Dessa forma, a dialética da sociedade civil virtuosa *versus* o Estado potencialmente corruptível despreza, ou obscurece, as conexões com os interesses privados com as quais se relacionam. Além disso, tende a perceber o crescimento da corrupção paralelamente à sua maior exposição – ou seja, a entender que um governo em que o número de denúncias à esquemas de corrupção aumenta é, em consequência, um governo mais corrupto.

interessado, e de sugerir sentido sobre aquilo que fala. Contudo, se os acontecimentos também podem tensionar a cobertura jornalística – uma vez que podem ser ressignificados durante a leitura –, em que medida é possível atribuir ao público a responsabilidade de problematizar o trabalho jornalístico?

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, LEAL e VAZ; Elton, Bruno Souza e Paulo Bernardo. De quem é a agenda?. In: *Jornalismo e Acontecimento: Mapeamentos críticos*. Florianópolis, Editora Insular, 2010.

ARQUEMBOURG, J. O mito de Pandora revisitado. In: DAYAN, D. (org) *O terror espectáculo: terrorismo e televisão*. Lisboa: Edições 70, 2009.

AVRITZER, BIGNOTTO, GUIMARÃES e STARLING; Leonardo, Newton, Juarez e Heloísa M. M (org). *Corrupção: Ensaios e críticas*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2008.

GUIMARÃES, Juarez. Sociedade civil e corrupção: crítica à razão liberal. In: *Corrupção e sistema político no Brasil*, p. 83-98. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 2011.

LEAL; Bruno Souza. Os Jornais como Notícia: Vozes da Comunidade Interpretativa? XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Recife, Intercom, 2011.

LEAL e JÁCOME; Bruno Souza e Phellipy Pereira. Mundos possíveis entre a ficção e a não-ficção: aproximações à realidade televisiva. *Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia*, Vol. 18, No 3, p. 855-876. 2011.

MCCOMBS, M. E.; SHAW, D. The agenda-setting function of mass media. *Public Opinion Quarterly*, vol. 36, n. 2), 1972.

MOUILLAUD, M. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Ed. UnB, p. 49-83. 2002.

RICOUER, Paul. *Tempo e narrativa – Tomo I*. Campinas: Papirus, 1994.